

## O existencialismo: diálogo entre Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira

Celeste Natário  
Universidade do Porto

“Quem se olhou a fundo sabe que coisa alguma da sua vida, o pior e o melhor, dependem totalmente da sua vontade. Colaboramos, bem ou mal, mas fomos excedidos.”  
Eduardo Lourenço

Leibniz, Kant, Hegel, Kierkegaard, Nietzsche, Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Sartre, Camus, são alguns dos mais importantes autores com os quais Eduardo Lourenço dialogou no decurso da sua formação e vida, sobretudo a partir da década de 40. Tendo sobretudo a realidade empírica como pretexto e ponto de partida das suas análises, a realidade a que é conduzido é uma realidade outra, aquela que em última instância constituirá o mais importante e significativo do seu pensamento filosófico, em particular na sua obra *Heterodoxia* (I e II), obra que segundo o autor releva sobretudo do sentido da complexidade das coisas. Dizendo sentir-se um pouco como “traître” é seu desejo compreender a existência do outro “mesmo nas suas formas mais inaceitáveis”<sup>1</sup>.

Assumindo a situação incómoda do heterodoxo que nas suas palavras é a situação de alguém para quem o conceito de verdade se tornou impermanente, o pensador-filósofo, reconhecendo que a história humana é feita de sombra e luz, reconhece também que nem sempre é fácil descobrir essas duas faces, o que decorrerá da própria natureza da história e da existência humanas.

Partindo do discurso vigente, Eduardo Lourenço tem como objectivo principal a desestruturação do estabelecido, utilizando em parte como instrumento o discurso dos autores existencialistas. Filósofos, poetas ou romancistas, todos podendo ser também filósofos, é uma nova atitude filosófica ou metafísica que é encarada e onde se procura

---

<sup>1</sup> In Eduardo Lourenço, *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 48.

uma diferente explicação para o mundo como para a existência humana. A sedução desta nova atitude é decisiva quer em Eduardo Lourenço quer em Vergílio Ferreira, mesmo que seguindo caminhos diferentes. O desvincular de um discurso ortodoxo ao mesmo tempo que *ser existencialista* podia significar ser ficcionista, romancista ou poeta. A filosofia, a literatura e a poesia comungam dos mesmos ideais.

Directa ou indirectamente, a corrente existencialista é reflectida e vai reflectir o que corresponde às vivências de um tempo e de uma geração que marcou grande parte dos intelectuais na Europa de então. Em Portugal essa influência, embora não demasiado marcante, fez-se sentir em diversos autores, nomeadamente naqueles que aqui convocamos: Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira<sup>2</sup>.

Foi como corrente filosófica e como atitude que impregnou a cultura, principalmente nos anos 40 e 50, que o existencialismo aqui nos interessa, dada a importância que assume nos dois autores aqui referidos, no primeiro, na forma do seu

---

<sup>2</sup> Entre os autores que recebem influências do existencialismo é de assinalar, por exemplo, Delfim Santos, que, entre 1935 e 1942, estando em Viena, Berlim e Londres, toma contacto com autores como Heidegger, N. Hartman, Husserl, Schlick, e outros, o que justificará a perspectiva fenomenológico-existencial que, sobretudo, irá desenvolver em 1939, no texto “Da Fenomenologia e Conhecimento da Realidade”, até à consideração de *O Criacionismo: Síntese Filosófica* (1912), de Leonardo Coimbra como “um pensamento cristão existencial”, considerando aliás que o referido filósofo português, que elegeu como seu mestre, seria “precursor do que menos expressivamente se vai chamar existencialismo cristão” (in prefácio a *O Criacionismo*, 1958). António Quadros aponta também o sentimento-ideia Saudade como susceptível de fundamentar um novo e diferente caminho para a filosofia existencial (in *Logos*, II, “O Existencialismo em Portugal”).

A importância do pensamento de Kierkegaard em Portugal é referida por António Quadros como tendo sido decisiva em Manuel Antunes, Casais Monteiro, Júlio Fragata, Álvaro Ribeiro, Delfim Santos, entre outros. Também Heidegger é apontado como um autor que vai influenciar não só os já referidos Delfim Santos e Júlio Fragata, mas também António José Brandão, José Enes, Alves de Campos, Cabral de Moncada, Diamantino Martins e Eduardo Lourenço, entre outros. No que respeita ao existencialismo cristão que parte de Gabriel Marcel, o autor de *Portugal: Razão e Mistério* vai destacar Alexandre Fradique Morujão. O existencialismo de Sartre e Camus, considerado como “niilista”, repercute-se, segundo o autor, na última fase da obra novelística de Fernando Namora, na primeira fase de Urbano Tavares Rodrigues, mas também em Fernanda Botelho, sendo contudo em Vergílio Ferreira que essa influência mais se vai fazer sentir, sobretudo a partir de 1959, com *Aparição*, e até aos anos 80. Também, de Fernando Pessoa, o poema “Náusea, Vontade de nada”, é apontado como um dos poemas que repercute a presença desta linha existencial.

ensaísmo, que alguns dos seus intérpretes designam como “trágico”, e no segundo na forma sobretudo romanesca, mas também no ensaio<sup>3</sup>.

A vasta obra de Eduardo Lourenço, que nos diversos âmbitos se apresenta (literário, político, histórico, artístico e filosófico) ocupa um lugar singular, senão mesmo único, no panorama da cultura portuguesa.

Acompanhando o seu tempo e suas naturais mutações, pode dizer-se que a nível filosófico, ainda que enfermando decerto de um “excesso de pudor” (como referia Vergílio Ferreira), que não lhe terá permitido a construção de um sistema (algo que em si seria contra-natura), o pensador e crítico pensa e escreve, como ninguém, sobre a situação existencial da cultura portuguesa, ao mesmo tempo que, dotado de uma inesgotável energia, encara, à semelhança de Kierkegaard, a experiência trágica da existência como uma espécie de intensa mas ao mesmo tempo *leve* condição, acabando por ser uma “condenação”, por dela não ser possível escapar, porque, nas palavras de Eduardo Lourenço, “da aventura humana ninguém possui a chave”. O autor de *Heterodoxia* não deixa pois quaisquer dúvidas acerca da sua visão da existência, para a qual não encontra visível nem racional justificação. Da vida e seu valor, tem Eduardo Lourenço a ideia de ser objecto de sofrimento e dor, sem garantias de redenção. Porque “Deus morreu”, há uma cisão irremediável entre o homem e a linguagem, entre o homem e o real. Por isso, a realidade mais não será do que uma existência desajustada em consequência de uma separação, de uma ausência que é claramente de natureza ontológica – mas também metafísica, mesmo que de imediato o mesmo possa não ser muito evidente.

---

<sup>3</sup> “Da Fenomenologia de Sartre”, prefácio à tradução de *O Existencialismo é um Humanismo* (1962).

Escreve Eduardo Lourenço na Introdução a *Heterodoxia* que “falhada ou triunfante, toda a escrita é um exercício de imortalidade”<sup>4</sup>, afirmação que desde logo nos ajuda a aproximarmo-nos melhor de um certo sentido do espírito de *Heterodoxia*, I e II. Apesar de os dois textos (*Heterodoxia*, I e II) terem sido publicados com quase vinte anos de distância (em 1949 e 1967, respectivamente), eles constituem a face de um mesmo pensamento filosófico, no início mais existencialista, ainda que toda a sua obra seja sobretudo o reflexo de um filósofo da cultura<sup>5</sup>, sendo o seu olhar sempre o de uma grande proximidade de autores existencialistas.

No “curso e no discurso do mundo como tragédia”<sup>6</sup> (segunda guerra mundial, explosão de Hiroshima, etc.), situação para a qual o nosso ensaísta entende que “ninguém nasce vocacionado” e apesar das “boas disposições da Providência para conosco”, Eduardo Lourenço procura descortinar e defrontar o que chamava o “pesadelo supremo”: a inexistência de um discurso cultural que escapasse às versões católica e marxista, as duas grandes leituras da realidade que nos anos 40 ideologicamente dominavam.

Foi essa situação que Eduardo Lourenço viveu e atravessou, assim destoando, ousando e provocando. No “silêncio espesso” que se vivia, *Heterodoxia* é um grito de supressão desse mesmo silêncio, escrevendo, o jovem filósofo e professor da Universidade de Coimbra, que “como os amigos, os livros são para as ocasiões”<sup>7</sup>, e este ensaio tinha uma ambição “decididamente metafísica”<sup>8</sup>, ainda que outras, decerto, tenham podido existir.

---

<sup>4</sup> *Heterodoxia I e II*, ed. cit., p. XI.

<sup>5</sup> Como defende, nomeadamente, Maria Manuel Baptista: in *A paixão de compreender*, Porto, Asa, 2003.

<sup>6</sup> Eduardo Lourenço, *Heterodoxia*, ed. cit., p. XII.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. XIII.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. XIII.

O “aprendiz de filósofo”, como se refere a si próprio naquela época (década de 80), elegia, como continuaria ainda a eleger como essencial, “um certo número de interrogações que colidiam com o conceito tradicional de História e, a par dele, como seu pressuposto transcendental, a própria noção de Tempo”<sup>9</sup>, que, como sabemos, é também para Vergílio Ferreira uma questão fundamental.

Pode, igualmente, afirmar-se ser neste livro, que Eduardo Lourenço designa como “juvenil”, que as suas decisivas intuições filosóficas são pela primeira vez colocadas – neste livro *contido*, que de certo modo e pelo menos publicamente o autor parece ter querido esquecer. Mas se cerca de vinte anos depois “suspeitamente” o revisita, dizendo que o fez como se ele pertencesse a outra pessoa, não deixa de assumir decisivo e imprescindível significado, mesmo porque, como afirma, “‘já’ então era mais que um livro”, porque era uma “opção existencial”, acrescentando, “em última análise irreversível”. Por isso, sustentará que *Heterodoxia I* tem um outro lado, possivelmente o mais importante, tem, escreve: “um lado de dentro, um lado”, diz, “onde sou suposto ser” – e aí este livro-opção, sem ser, acontece, partindo de uma dolorosa ruptura “e de certo modo, uma fuga”<sup>10</sup>.

Depois de *Heterodoxia I*, *Heterodoxia II* foi a aspiração pela “vertigem sublimante da Filosofia”, que na juventude, diz, nos leva a imaginar “que buscamos abstractamente o fantasma intemporal da verdade”. E, mesmo que este se torne quase ausente, pressente-se a todo o momento essa ausência, razão pela qual a procuramos sempre, e, ao fazê-lo, procurando-nos também. “Procurarmo-nos apenas” é o que afinal de contas fazemos nós, todos os humanos, ainda que por diferentes caminhos. E Eduardo Lourenço, desviando-se um pouco do caminho inicial de *Heterodoxia I*, não

---

<sup>9</sup> Ibid., p. XIV.

<sup>10</sup> Ibid., p. XIV. Este livro é publicado pouco tempo depois da morte de seu pai e também da morte de sua mãe, falecida um ano antes. É ainda de referir que é neste ano que Eduardo Lourenço sai de Portugal.

deixa de a ele regressar em *Heterodoxia II*, como que revisitando-se, talvez, com saudade da sua origem, do filósofo confrontado com os seus limites mais “íntimos”, e que pode ser também de S. Pedro de Rio Seco, mas igualmente de Coimbra e, decerto, de Portugal, donde partira como que para virar uma página do livro que não havia concluído e que continua ainda hoje, felizmente, por concluir. Aliás, para o que acabamos de afirmar encontramos justificação neste mesmo texto a que temos aludido, pois aqui afirma “o filósofo” (com ou sem aspas) que *Heterodoxia I* existe na sequência da morte dos pais, escrevendo: “...sob as páginas decididas na sua indecisão incurável, do meu primeiro livro, é-me palpável a sombra, então ainda viva, de meus pais (...). Sem a sua morte, nem estas páginas nem nenhuma outras, para descanso dos leitores e sobretudo meu, teriam existido”<sup>11</sup>. Razão que, de resto, o leva a falar no “nó inextrincável entre escrita e morte”<sup>12</sup>, o que, interprete-se como se interpretar a sua “juvenil audácia”, como escreve, é, pensamos, a todos os níveis um grito de dor, que depois ecoará em outras obras suas, nos mais diversos planos.

A opacidade do mundo e a necessidade de sua compreensão como da existência dos homens, tendo como limite a impossibilidade da sua transparência, para a qual a razão humana não chega, colocam o pensamento de Eduardo Lourenço na clara atitude e situação de uma filosofia da existência. Concebendo a essência da filosofia “não como solução, mas como uma *metafísica da interrogação, definida* em função da ideia limite da expressão do incomunicável e inacabável sentimento que cada um adquire da existência como totalidade”, Eduardo Lourenço afirma que isso se deve ao “sentimento (que pode evidentemente ser expresso de uma forma mais ou menos adequada por um sistema de ideias) de que a existência não é problemática, mas *metaproblemática*, uma

---

<sup>11</sup> Ibid., p. XIV.

<sup>12</sup> Ibid., p. XV.

vez que o próprio questionante está perspectivamente envolvido na própria questão”<sup>13</sup>. Aliás, ao longo da História, entende o autor que pelo menos os místicos e os poetas sempre disso tiveram consciência, embora fosse uma ideia corrente na filosofia a partir de Kierkegaard e depois com mais profundidade em Heidegger, mas também Jaspers e Gabriel Marcel, como também em outros, entre os quais Vergílio Ferreira.

Mesmo situados em diferentes formas de escrita, a filosofia existencial ou, se preferirmos, o existencialismo, é claramente o motivo maior de aproximação entre os dois pensadores<sup>14</sup>, levando-os a cultivar uma grande e longa amizade, mesmo que tardia<sup>15</sup>, uma amizade que o autor de *Heterodoxia* (I e II) define como “uma amizade que se soltou, se cultivou, se inventou através de pretextos literários, através provavelmente de um pressentimento de que havia qualquer coisa que lhe interessava naquilo que, pouco, pouquíssimo sempre, eu estava escrevendo ou fazendo: e aí, a mim, interessava-me naturalmente nele o escritor”<sup>16</sup>

É claro que esta afirmação tem, como muitas outras o tom característico de Eduardo Lourenço, que é o daquela “modéstia”, que será simultaneamente outras coisas, mas que, seja o que for, o define como pensador e como homem. Contudo, é de realçar a expressão “interessava-me, naturalmente, o escritor”, sublinhando o “naturalmente”, por entendermos que esta amizade entre os dois tinha múltiplas razões para existir, apesar da distância geográfica entre eles. Sendo quase da mesma geração, mesmo que Eduardo Lourenço tivesse a sensação de que Vergílio Ferreira fosse um pouco mais velho, “de uma geração anterior”, a distância entre eles foi sendo colmatada por um contacto epistolar de muitos anos, correspondência que existe mas que ainda não se

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 39.

<sup>14</sup> Vergílio Ferreira, questionado sobre qual o crítico que melhor poderia fazer um ensaio de apresentação da sua obra, responde claramente ser Eduardo Lourenço (cf. *Vergílio Ferreira, um escritor apresenta-se*, apres., pref. e notas de Maria da Glória Padrão, Lisboa, IN-CM, 1981).

<sup>15</sup> Vergílio Ferreira no cinquentenário de *Manhã Submersa Actas do Colóquio*, Lisboa, UCP, 2007, p. 424.

<sup>16</sup> Ibid., p. 424.

conhece, e que, quando vier a conhecer-se, trará decerto novos elementos para a aproximação entre o ensaísta-filósofo Eduardo Lourenço e o romancista-filósofo Vergílio Ferreira.

Em ambos a preocupação com a condição e compreensão humanas, tanto a nível individual como colectivo e institucional, é desde as origens o que pode chamar-se um “território nuclear”. Independentemente das portas que possam ter fechado ou dos horizontes que rasgaram, pode dizer-se que acima de tudo nas suas obras e no seu pensamento importava “salvar o invencível sonho do homem”<sup>17</sup>, sonho que correspondia também a uma certa ideia de liberdade, mas também de inquietude, de drama, de angústia, a que, na busca da verdade (ou de uma verdade?) e um sentido da existência, ambos se confrontaram.

As meditações existenciais, num autor como noutro, correspondem a visões trágicas, dilemáticas, que em Vergílio Ferreira atingem um dilaceramento original a que nem a morte põe termo, mesmo que, como afirma, as razões sejam sempre “póstumas ao que somos, como um ritual de mortos”<sup>18</sup>.

Podemos também dizer que, embora de modos diferentes, os dois autores um dia se colocaram perante o espelho e olharam a pessoa que os habitava e que eles não imaginavam. Contudo, Vergílio Ferreira escreve que, colocado no sítio donde se vira ao espelho, se aproxima e, “fascinado”, olhando-se de perto, diz: “pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que – continua o autor – agora descobrira qualquer coisa *mais* que me excedia e me metia medo. Quantas vezes mais tarde eu repetiria a experiência no desejo de fixar essa aparição fulminante de mim a

---

<sup>17</sup> Vergílio Ferreira, in *Mudança*, Lisboa, Portugal, 1969 (3ª ed.).

<sup>18</sup> Ibid., p. XX.

mim próprio, essa entidade misteriosa que eu era e agora absolutamente se me anunciava”<sup>19</sup>.

Quanto a Eduardo Lourenço, o exercício do espelho fá-lo de algum modo em *Heterodoxia I* (e decerto de forma diferente noutros textos, mesmo porque Eduardo Lourenço afirma que um autor é o que ele escreve, não se podendo aí trair), e de certo modo podemos dizer que não ficou muito fascinado. A escrita, que aí iniciará, como já aqui referimos, parte da morte, o mesmo é dizer, de uma experiência de confronto com uma situação limite do seu próprio sentir, da sua vida, muito embora o seu “pudor” possa não lhe ter permitido uma grande exposição, e o caminho existencial no sentido mais individual iniciado em *Heterodoxia* e mais tarde revisitado tivesse seguido o caminho da análise a outras *existências*, com relevo para Portugal e a cultura portuguesa.

No início de *Heterodoxia II* encontra-se a seguinte epígrafe: “Seja o que for que façamos, a desmedida guardará sempre seu lugar no coração do homem, ao lado da solidão (Camus)”<sup>20</sup>, por isso escreverá também o próprio Eduardo Lourenço em articulação com esta ideia: “Em cada ilha, em cada momento do meu discurso, está sempre presente essa totalidade impossível”; pelo que terá razão Vergílio Ferreira, ao referir-se em *Conta-Corrente*, ao tal “pudor” do autor d’*O Labirinto da Saudade*, razão apontada como travão no caminho que primeiro iniciara, pelo receio de exposição de si próprio, de exposição “daquilo que nós todos temos de mais secreto”, para usar uma expressão do próprio autor numa entrevista concedida recentemente<sup>21</sup>. Tal não significa, estamos certos, que Eduardo Lourenço não se tenha olhado ao espelho – só que, ao fazê-lo, algo o “assustou”. Ao contrário, Vergílio Ferreira fascinou-se, e isso levou-o a uma grande exposição e a um enorme despudor, para usar, novamente, uma expressão

---

<sup>19</sup> In *Aparição*, Lisboa, Bertrand, 1988, p. 63.

<sup>20</sup> Opus cit., p. 125.

<sup>21</sup> *Ler*, Setembro de 2008, p. 37.

de Eduardo Lourenço, que, a este respeito, escreveu: “Vergílio Ferreira, numa área que não tem muitos precedentes em Portugal, disse tudo o que lhe passou pela alma, pelo coração, pelos nervos. Tudo. Realmente, teve um despudor muito grande...”<sup>22</sup>.

E foi no que pode designar-se como um monólogo metafísico que Vergílio Ferreira é levado e de certa forma se eleva aos limites de uma quase “exasperação sublime”<sup>23</sup>. No romance como no ensaio, o pensamento de Vergílio Ferreira constrói-se de forma gradativa, “sempre numa procura e apelo emocionado de um espaço humano onde as barreiras de toda a espécie, incluindo as intelectuais, fossem abolidas para a livre circulação inquiridora da verdade ou da palavra última que abrisse a porta do quarto proibido, como nas histórias tradicionais, o quarto onde a chave do Mistério está guardada”<sup>24</sup>.

Este é uma espécie de convite à procura de nós próprios, com todos os segredos que podem ficar por desvendar, mas onde o caminho e sentido do humano impõe a travessia, mesmo que às vezes nos possamos perder.

Em *Aparição*, Vergílio Ferreira escreve: “À unidade que nos pré-existe a cada um, à unidade de sermos, a vida imediata, quotidiana, é uma selva de caminhos, de veredas, de confusa vegetação. Tão fácil perdermo-nos! O mais grave, porém, é que na sua rede muitas vezes não sentimos que nos perdemos. Cada caminho impõe-se-nos na sua presença imediata. Um caminho é ‘o’ caminho em cada instante”<sup>25</sup>. E a cada instante do pensamento e vida de Vergílio Ferreira, as suas personagens lutam antes de mais por um espaço positivo para poderem existir – o espaço do eu. E, mesmo que o caminho fique longe e, ao percorrê-lo, a angústia e o desespero estejam presentes, é necessário ir em frente, para que se procure superar os obstáculos, porque o invencível

---

<sup>22</sup> Ibid., p. 38.

<sup>23</sup> Cf. Prefácio a *Mudança*, ed. cit., p. XII.

<sup>24</sup> Hélder Godinho, “Vergílio Ferreira, hoje”, *Anthropos*, nº 101, Outubro de 1989, Madrid, p. 65.

<sup>25</sup> In *Aparição*, ed. cit., p. 83.

sonho do homem tem que ser salvo. É por isso que, à semelhança de Camus no *Mito do Sísifo*, onde se afirmar que: “é preciso imaginar Sísifo feliz” –, também em Vergílio Ferreira algo de aproximado se poderá afirmar. Ainda em *Aparição*, escreve: “Não há presenças aqui senão as das origens (...). Estou só. Habito o início, o silêncio de mim próprio, onde a verdade é nua como o luar da montanha”<sup>26</sup>. A origem, o silêncio, o silêncio de nós próprios, a verdade e o luar da montanha são algumas das mais significativas “peças” para constituir um dos quadros mais perfeitos do pensamento de Vergílio Ferreira.

Mas, mesmo que o dilaceramento, o fracasso e a morte sejam constante presença na sua obra, há nela sempre lugar para uma última esperança, uma “estrela polar” que proporciona uma alegria, mesmo que breve, porque possível pela luta, mesmo que ambígua, entre a luz e as trevas, a vida e a morte.

Não foi fácil a aventura existencialista do escritor-filósofo, mas foi inequívoca e diria mesmo intocável pela frontalidade simultânea do seu êxtase vital, mas também da sua decepção. Depois de *Mudança* e sobretudo a partir de *Aparição*, Vergílio Ferreira, declaradamente e sem qualquer subterfúgio de tipo lourenceano ou outro, e “partindo naturalmente da sua subjectividade (carácter fundamental do existencialismo)”, surge-nos também como um humanista em todos os seus aspectos. Até ao fim e desassossegadamente convocando não só o seu “eu” mas também o “nós”, rumo ao caminho da responsabilidade e autenticidade, o autor de *Conta-Corrente* elegeu como valor por excelência a vida humana com todos os seus confrontos<sup>27</sup>.

E, em jeito de conclusão, ainda que o não seja, pelos múltiplos caminhos que sempre se pode caminhar, e porque em todos eles corremos o risco de nos perdermos, e às vezes sem o percebermos, convoco Eduardo Lourenço, que de Vergílio Ferreira

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 90.

<sup>27</sup> Cf. Celeste Natário, “Vergílio Ferreira, até ao fim”, in *Actas...*, ed. cit., p. 391.

afirmou que, antes e depois de ser um intelectual, jamais esquecerá que é “uma infância luminosa de frio, de serra, de solitude e atroz ternura, uma sensibilidade à flor da pele e da terra, nela enraizado e dela amorosamente prisioneiro”<sup>28</sup>.

Quanto ao próprio Eduardo Lourenço, terminamos com a sua última resposta dada numa entrevista intitulada “Um heterodoxo confessa-se”<sup>29</sup>, em que, à pergunta “qual era a sua cidade?”, respondeu: “Nenhuma. O meu *Paris-Texas* é São Pedro de Rio Seco.”.

*Celeste Natári é Docente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na área da Filosofia em Portugal. Tem diversos artigos publicados em revistas da especialidade. Obras publicadas: Entre Filosofia e Cultura (Zéfiro, 2007), O Pensamento Filosófico de Raúl Proença (IN-CM, 2004). É Co-Directora da NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI.*

---

<sup>28</sup> In Prefácio a *Mudança*, ed. cit., p. IX.

<sup>29</sup> In jornal *Expresso* (entrevista incluída in *O ensaísmo trágico de Eduardo Lourenço*, de José Gil e Fernando Catroga, Lisboa, Relógio d'Água, 1996).